

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs.  
Fôra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.  
Annuncios e communicados, a 50 rs' linha.  
Repetições ..... 25 rs linha.  
Annuncios permanentes 5 »  
Folha avulso..... 40 reis

# O POVO D'OVAR

## MORALIDADE

Não é de pequena monta a força moral d'um ministro d'estado.

D'antes dizia-se que um ministro devia ser como a mulher de Cesar honrado e parecel-o.

Hoje os tempos vão muito mudados. Accusa-se um ministro de actos bem degradantes e elle encolhe os hombros, não se importando se é o depositario da honra da nação.

Este desleixo, esta indifferença obstinada que nos vem desde Rodrigo da Fonseca Magalhães, originou a indifferença no povo, para o qual de balde appellam os politicos nos momentos criticos.

Aos appellos responde o povo—ora tão bons são uns como são outros.

Engana-se?

Talvez sim e talvez não. Se dermos credito aos jornaes partidarios, raro é o ministro que tem sahido do poder sem ter feito grosso escandalo; e raro é o ministro, que assim accusado, tem respondido ou resalvado a sua responsabilidade, limpado emfim o seu nome.

Ora pelo antigo adagio—quem cala, consente—ninguem deve defender o que o proprio interessado não rejeita.

A indifferença dos ministros pelas accusações que lhe são feitas, é um mal.

\*

Na França, desde que um ministro é accusado, ou ao menos attingido pela suspeita de uma accusação, tem tres caminhos a seguir:—ou se defende em plena camara d'um facto mesmo particular; ou vae para os tribunaes, ou provoca um duello.

Quando não segue os dois ultimos caminhos ou plenamente se não justifica acontento de todos, pede a demissão ou é corrido do poder.

Entre nós encolhe-se os hombros.

Era bem preferivel que ao ministro fosse logo levada a demissão. Haveria mais moralidade no poder, menos indifferença no povo.

Os ministros teriam mais cautella e os criticos menos audacia.

Tornadas effectivas as responsabilidades do primeiro, elle andaria em fazer responder os segundos de forma a justificarem os seus escriptos ou a pagar cara a sua mentira.

Consentir que á sombra da inercia ou dos pessimos precedentes antigos continúa uma campanha de diffamação entre todos os homens publicos: ou se não existe a diffamação que se prolonga a estada no poder d'um ou mais homens que não teem limpa a sua folha corrida, é uma verdadeira desgraça para a nação.

Foi por causa d'isto que soltando-se annos successivos o grito—ai d'el-rei, ladrões!—viemos descuidosamente cahir no abysmo da bancarrota, pensando em que o grito era infundado, simples armadilha politica e que viviamos n'um mar d'ouro.

Era pois justissimo que se apurassem todas as accusações, e estas só se apuram quando o accusado se levante a pedir as responsabilidades. Ou esmaguemos o accusado ou castiguemos o diffamador. Coexistirem ambos, deixando ao povo escolher entre um e outro sem conhecer a fundo os factos, é lançar simplesmente uma desconfiança, firmar a antiga opinião—tão bons são uns como os outros.

\*

Estas nossas reflexões vem a proposito da campanha empreendida pela maioria da imprensa contra o sr. bispo de Bethesda, ministro da justiça.

Os ataques constantes de que este ministro tem sido alvo, recrudesceram agora com a acção posta em juizo contra elle para annullar um testamento em que não só foi instituido herdeiro; mas em virtude do qual recebeu a quantia de 3.000.000 réis de misas.

Tem razão o ministro diffamado? N'esse caso chama os diffamadores aos tribunaes.

Não tem razão? N'esse caso abandone os conselhos da corôa e venha para os tribunaes rehabilitar-se.

A campanha da imprensa é que não pode continuar assim sem que o ministro ou a corôa tome qualquer expediente.

Se continuar voltamos ao tempo anterior, á epocha do descredito.

E comtudo todos teem apregoado a vida nova, todos estão convencidos de que é absolutamente preciso mudar de rumo.

O procedimento do sr. ministro da justiça oppõe-se á aspiração de todos. Faça callar a imprensa ou dimittase.



## Administração municipal

I

Por diversas vezes temos expendido as nossas ideias ácerca da administração municipal, e por isso não as iriamos agora repetir se por ventura os novos decretos e as tendencias centralisadoras dos ultimos governos nos não viessem pôr de sobre-aviso, exigindo uma rapida solução ao problema, que por tantos annos nos tem preocupado.

Duas d'essas medidas principalmente pozeram-nos em sobresalto.

Foi a primeira o projecto de por parte do governo mandar proceder á sementeria e plantação dos areas que bordam o littoral. Foi a segunda o novo decreto de 15 do corrente mez.

Se o governo quizer tomar como seus, semeando-os, todos os areas do littoral, fica o nosso municipio esbulhado de quasi todos os terrenos que ficam ao poente do Carregal, todos os situados ao poente das terras da Marinha e ainda da matta. Estão perdidos todos os ensaios das novas sementeiras e mesmo aquellas que agora rebentam. E que porção de sacrificios! e que grande riqueza!

Se ficassemos por aqui ainda era bom.

Pelo ultimo decreto o governo obriga as camaras a pagar aos seus empregados, unicos competentes para procederem ás obras de viação: prohibe as camaras de fazer qualquer melhoramento de importancia superior a réis 200.000 sem a sua approvação.

A que ficam reduzidas as attribuições camararias?

E quem assim ousa esbulhar os municipios da sua autonomia não os poderá esbulhar mais facilmente dos seus bens, quando, como a Estrumada, nem ao menos tem a condição de ser logradouro commum?

E' preciso pensar tambem em que está uma commissão nomeada, junto ao ministerio das obras publicas para inventariar os bens immoveis pertencentes ao Estado.

Felizmente essa commissão nada tem feito até hoje. Mas se amanhã quizer formar o inventario dos bens e n'elles incluir o nosso monte municipal, que meios empregaremos para o rehavere?

Tudo isto indica que precisamos tornar o mais rapidamente possivel qualquer

medida para affastar futuros perigos, que a observação nos está mostrando.

\*

A conservação da Estrumada tal como hoje se encontra é um erro.

Em primeiro logar é um enorme capital improductivo, porque os pinheiros tendo chegado á plena idade do desenvolvimento agora estão apodrecendo.

Em segundo logar porque é muito grande o roubo feito todos os dias e d'ahi resulta prejuizo consideravel.

Impedir o roubo é absolutamente impossivel, embora da parte dos administradores municipaes haja a melhor vontade.

N'um monte enorme, cortado de caminhos, a inspecção por meio de guardas ou ha-de ser dispendiosissima, ou insufficiente como até agora tem sido. Em ambos os casos é um onus para o cofre municipal, sem resultado algum.

E este roubo tem por tal forma sido importante que no praso de 20 annos a Estrumada diminuiu mais de 150 contos, attendendo ao seu valor no tempo de João de Castro.

Comparamos esta diminuição do valor com o rendimento do capital tirado por meio da venda: addicionemos a elle o valor que deveriam ter as novas mattas então semeadas e hoje desenvolvidas, e digam-nos se não foi um erro crassissimo a deixar camara de pôr em pratica aquelle bem pensado projecto.

\*

Muitas vezes temos visto allegar em contrario que é da Estrumada que se rime a classe pobre.

Contestamos isto em aberto.

Porquanto se é ao roubo da lenha que os opposicionistas se referem, dizemos em primeiro logar que esse roubo não é permittido a ninguém e ou a camara ha de consentir em um crime ou ha de prohibir os pobres de o praticarem. No primeiro caso devia a camara ser condemnada: no segundo ficavam os pobres sem esse auxilio.

Em segundo logar, não são os pobres que maior damno e maior roubo fazem na Estrumada. Muitos proprietarios, muitos lavradores abonados carregam carros e carros de pinheiros, fazendo roubos importantissimos.

Será porventura justo que continue semelhante estado de coisas?

Evidentemente não.

## Novidades

### Monte-pio Ovarense—

Começamos n'este numero a publicar o projecto dos estatutos da Associação de soccorros mutuos Ovarense, mais vulgarmente denominada monte-pio Ovarense.

O auctor do projecto dos estatutos não tem a vangloria de pensar que elles sejam o que haja de melhor sobre o caso; longe de isso. Este projecto ha-de por certo ter muitas imperfeições, muitos erros até.

Foi por isso que se lembrou de os publicar para que incidindo sobre elles uma critica justa e sensata, possam ser corrigidos a pouco, e pouco, antes de se tornar lei organica de uma sociedade.

Depois dos estatutos será publicado o relatorio em que se expõem as bases do projecto e os motivos que originaram as disposições que o mesmo projecto contem.

Pela pequena parte que hoje publicamos vê-se que a intenção do seu auctor não é tornar a Associação de soccorros mutuos exclusiva das classes menos favorecidas da fortuna. Todos os nossos conterraneos alli teem cabida quer como socios benemeritos, quer como socios de 1.ª ou de 2.ª classe.

Se os mais ricos não carecem da Associação podem prestar-lhe serviços que revertirão em beneficio dos seus visinhos e dos seus amigos.

Não pode a Associação contar apenas com os seus proprios recursos das joias e das mensalidades dos socios. São bem grandes as despesas ordinarias e as receitas ordinarias devem talvez ser menores, em principio.

Não é isso motivo para desesperar.

Confiamos bastante na mocidade da nossa terra. A essa mocidade intelligente e generosa mostramos o caminho para operar o bem. Hão de ser esses rapazes que por meio de bazares e de receitas hão de dar ao cofre da associação um bom contingente. Assim collaborarão n'uma obra alevantada e propria da epocha, que atravessamos.

### Nascimentos, casamentos e obitos

O total dos nascimentos em todo o concelho de Ovar no mez de novembro foi de 88 individuos de ambos os sexos: o dos casamentos foi de 15; e o dos obitos foi de 35.

**Sortelo**—Na segunda-feira teve logar nos paços do concelho o sorteio militar dos mancebos recrutados no corrente anno.

Sempre a mesma scena—lagrimas dos que tiraram numeros baixos, grandes risotas e barulho dos que foram favorecidos pela sorte.

**Fuga de Presos**—O pessimo estado das nossas cadeias já teem dado logar a repetidas fugas de presos. Só não foge quem não quer.

No domingo nova evasão.

Pela manhã em vista de grande balburdia que faziam os presos da cadeia terrea, o digno delegado do procurador regio mandou, por castigo, tres d'elles para o segredo, dando ordens ao carcereiro que os não deixasse fallar com pessoa alguma e que, sendo noite, os removesse para a enchovia.

Era ao principio da tarde tarde quando os tres foram mettidos no segredo.

O digno magistrado suppunha que os tres estavam lá muito socegados. Entretanto elles iam fazendo os seus planos, que pozeram em pratica ás 7 horas e meia, evadindo-se dois pelo telhado e sahindo depois atravez dos quintaes dos srs. Delphim Lamy e Emgido Souza. O terceiro preferiu ficar á sombra.

O carcereiro deu pela falta quando os ia para remover. Desde logo avisou os officiaes de deligencias tocando o sino da cadeia.

Logo que o ex.<sup>mo</sup> delegado soube do que se tratava foi para os paços do concelho e com os officiaes e policiaes civis que requisitou andou a proceder até altas horas da noite a varias deligencias afim de novamente capturar os evadidos.

Infelizmente essas deligencias não produziram resultado, e os sujeitos andam á solta, quem sabe por onde!

Um d'elles aqui vulgarmente conhecido pelo *das galinhas* estava quasi a expiar o tempo da prisão. Por tão pouco não lhe valia apenas evadir-se. E o peor é que se fôr agarrado vae para a costa d'Africa porque foi condemnado já mais de 6 vezes.

#### Reaes camararios

Por no domingo passado os reaes camararios não terem attingido a media dos ultimos tres annos voltam hoje á praça.

O maior lanço obtido no domingo passado foi de 8:200\$000 Rs. incluindo os de vinho e das carnes verdes.

#### A questão das musicas.

Foi-nos enviada pela meza da irmandade do S. Sacramento a seguinte acta:

«Aos vinte e cinco dias do mez de novembro de mil oitocentos noventa e dois, do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, na igreja matriz d'esta freguezia de S. Christovão d'Ovar, na sachristia denominada do Senhor, e achando-se ahí reunida a mesa da irmandade do S. Sacramento a convite do juiz, disse este que a reunião tinha por fim deliberar sobre o convite ás philarmonicas d'esta villa para as festividades e bem assim aos prégadores.

E por elle juiz foi proposto que se convidasse a philarmonica do Ill.<sup>mo</sup> Snr. Antonio Maria Valeiro para os affazeres de quinta-feira santa, segunda-feira do Senhor aos enfermos e domingo do Senhor; para os outros affazeres o Ill.<sup>mo</sup> Snr. Luiz Augusto de Lima, os quaes affazeres vem a ser—dia de Natal, terça-feira do Senhor aos enfermos e domin-

go de Paschoa, e por todos essa proposta foi approvada. E logo n'esse acto se convidaram os mesarios que teem de fallar ás philarmonicas, e dispor os mais objectos para o bem e interesse da irmandade.

E não havendo mais nada a deliberar elle juiz levantou a sessão e mandou lavar esta acta, que depois de lida vae ser assignada por todos os vogaes. Padre Francisco d'Oliveira Baptista, José d'Oliveira Thomé, Arnaldo Augusto da Silva Moura, Manoel Ferreira Manguella, José Maria Valente Compadre, Francisco d'Oliveira Ramos.

Considerando em perfeita egualdade de circumstancia as duas philarmonicas d'esta villa, quiz a meza da irmandade mostrar quanto eram erradas as versões, que corriam depois da sua eleição, pois se dizia que os novos eleitos queriam monopolisar os affazeres da philarmonica para a Boa-União.

São sempre irritantes estas questões das musicas e nós sempre nos temos abtido de dar opinião a favor ou contra uma, porque todos são nossos patriocios e nossos visinhos, e todos procuram estudar e progredir.

Por isso deveras nos agradou o imparcial procedimento da meza da irmandade.

Soubemos depois que por motivos cuja importancia não podemos avaliar o sr. Antonio Maria Valerio se recuzara a acceitar os affazeres que a meza lhe propunha, deliberando até a meza a fazer uma troca dos affazeres de quinta-feira santa. Como o sr. Valerio pedisse mais uma outra modificação que a meza deliberou não consentir, o sr. Valerio presidiu de tudo.

Fica, pois, a questão sem aquelle odioso que necessariamente adviria se houvesse exclusivismos em favor d'uma ou da outra das philarmonicas.

**Santa Luzia**—Foi muito concorrida de povo da nossa villa a romagem a Santa Luzia, na terça-feira.

O tempo apresentou-se chuvoso e as ruas eram um verdadeiro lamaçal. Apesar d'isto osromeiros não desanimaram.

#### Exposição de louças

—Abre-se no dia 25 do corrente mez a exposição de faianças da fabrica da Fonte Nova d'Aveiro, a qual durará até 6 de Janeiro.

A exposição tem logar nos salões do Gremio Aveirense. Agradecemos o convite.

#### Um canhão norte americano.

Já se tem alludido ao grande canhão pneumatico construido pelos norte-americanos e destinado a lançar bombas carregadas de dynamite.

Um viajante, que logrou ver de perto o novo engenho, faz d'elle uma curiosa descripção.

Esse canhão assemelha-se a um telescopio monstruoso, apontado n'uma direcção obliqua para o firmamento, formando com a terra um angulo de 30 graus. Tem cerca de trinta metros de cumprimento. Bom que seja só carregado de ar comprimido, quando se dispara faz ouvir uma detonação formidavel, e expelle uma nuvem de fumo tal como se fôr carregado com a polvora.

Explica-se o phenomeno pelo facto de que a repentina libertação do ar comprimido produz um rebaixamento de temperatura. Essa nuvem de fumo é, na realidade, a neve que se fórma na atmosfera humida. Os obuzes lançados pelo canhão percorreram uma distancia de mais de dois kilometros e caíram todos, ao que parece, no mesmo sitio; não continham menos de 600 libras de dynamite.

Dos estragos que deve produzir semelhante engenho de guerra não falla o viajante. Podem, porém, calcular-se, só com a lembrança da carga terrivel de cada obuz!

#### Um ladrão de romance

Ha poucos dias fundeava no porto de Havre um dos *yachts* mais soberbos da marinha de recreio de Inglaterra e França, o *Palais Royal* bem conhecido em toda a Mancha e Mediterraneo, especialmente na aristocratica Nice, onde por vezes se demorou bastante tempo.

O sen proprietario o opulento Charles Well recebeu a bordo um cavalheiro e varios individuos de aspecto. Era o commissario de policia e alguns agentes.

O motivo da visita foi a prisão de Charles Well que não passa d'um perfeito «escroco».

A bordo nos salões do «yatch» deu festas sumptuosas onde concorrem a «elite» de varios pontos. Trata-se d'um refinado ladrão que tem commettido enormes roubos, arranjando acções de companhias suppostas ou habilmente fabricadas. As queixas apresentadas nos tribunaes inglezes ascendem a milhares de libras. E' um aventureiro audaz, que chegou a relacionar-se com a alta roda ingleza.

Um dia comprou o «Palais Royal» e installando-se n'elle, imaginou estar livre da policia. A caldeira estava sempre accessa e a tripulação prompta a marchar ao menor aviso.

Foi preciso rara habilidade das auctoridades francezas para prendel-o.

Em redor do «yatch» havia uma companhia de gendarmes.

O descobrimento das façanhas d'este «escroco» causou viva sensação na alta roda em Londres e em Monaco onde Well levou por vezes a banca á gloria.

#### Acrisolado amor de pae

—Um drama de sangue—Uma grande desgraça succedida na estação de Dunhill, na linha ferrea de West de Inglaterra.

O chefe d'essa estação tinha uma filha, travessa creança de quatro annos, que sempre que podia fugia aos paes e ia correr pela linha. Dá-se o sinal de um comboyo, o pae chega á plataforma e vê a filha a algumas dezenas de metros, no meio da via por onde chegava, a todo vapor, um comboyo rapido que não tinha paragem ali. Grita por ella, mas a pequena, entretida com um brinquedo não o ouve.

O pae corre então para a salvar, ainda chega a deitar-lhe a mão, mas não pôde desviar-se a tempo: pae e filha são collidos esmagados e desfeitos pelo comboyo, que lhe espalhou os destroços por mais de vinte metros da linha.

Um horror!

**Grave motim**—Os socialistas belgas realisaram um grande «meeting» em Gand Belgica. A' saida fizeram umâ manifestação pelas ruas, sendo suffocada pela policia. Estão gravemente feridos 30 socialistas.

#### TESTEMUNHO

As Vasconcellos d'Abrantes

—D'Abrantes ou da Certã—

Tem vestidos elegantes

—Uns de sêda, outros de lã.

E dizem as Vasconcellos

—Que p'ra quem quer fazer vista—

Não há vestidos mais bellos

Do que os da Laura, modista!

Laura Almeida, ateliers de modas, 19, Calçada Nova de Sant'Anna, oLisboa.

Veja-se annuncio.

#### PROJECTO DE ESTATUTOS

DA

Associação de soccorros mutuos Ovarense

#### CAPITULO I

Natureza e fins da associação

Artigo 1.<sup>o</sup> A Associação de soccorros mutuos Ovarense, fundada por estes estatutos, é unicamente destinada a soccorrer e auxiliar os socios e suas familias.

Art. 2.<sup>o</sup> O districto social e administrativo d'esta associação comprehende todo o concelho de Ovar, composto das freguezias de Ovar, Arada, S. Vicente, Vallega, Maceda, Cortegaça e Esmoriz.

#### CAPITULO II

##### Socios

Art. 3.<sup>o</sup> Pôde ser socio todo o individuo nascido ou domiciliado dentro da area do concelho que tenha idade superior a quatorze annos.

§ 1.<sup>o</sup> O individuo natural do concelho d'Ovar embora resida ou se naturalise em paiz estrangeiro pôde ser socio, e, sendo-o, não perde os seus direitos pelo facto da residencia ou naturalisação referida.

§ 2.<sup>o</sup> Só os individuos maiores de vinte e um annos teem a faculdade de requerer a sua inscripção como socios: os de idade inferior só podem exercer essa faculdade com auctorisação escripta de seus paes ou tutores, sabendo estes escrever e, no caso contrario, será essa auctorisação firmada por tres testemunhas, uma das quaes assignará a rogo.

Art. 4.<sup>o</sup> Não podem ser admittidos como socios: 1.<sup>o</sup> os individuos affectados de doença; 2.<sup>o</sup> os mal comportados; 3.<sup>o</sup> os pronunciados em qualquer crime e os prezos; 4.<sup>o</sup> os que tiverem idade superior a 45 annos.

§ 1.<sup>o</sup> Os que tiverem sido recusados como socios por motivo de doença, poderão de novo requerer a sua admissãõ desde que se achem completamente restabelecidos, e poderão requerer exame pelo medico da associação.

§ 2.<sup>o</sup> Todas as diligencias requeridas em conformidade do § 1.<sup>o</sup> serão gratuitas.

§ 3.<sup>o</sup> O bom ou mau comportamento do proposto para socio é avaliado só pela direcção da associação, podendo o recusado interpor, no prazo de oito dias a contar da decisão, recurso para a assembleia geral. Este recurso é entregue ao presidente da direcção o qual será obrigado logo a passar recibo.

§ 4.<sup>o</sup> Os recusados para socios por motivo de pronuncia ou prisão em processo crime podem de novo requerer a sua admissãõ quando tiverem cessado aquelles motivos.

§ 5.<sup>o</sup> Quando o socio ultrapassar a idade de 45 annos conservará as garantias anteriores áquella idade.

Art. 5.<sup>o</sup> Os socios em 3 classes: 1.<sup>a</sup> benemeritos; 2.<sup>a</sup> de 1.<sup>a</sup> classe; 3.<sup>a</sup> de 2.<sup>a</sup> classe.

#### SECÇÃO I

##### Socios benemeritos

Art. 6.<sup>o</sup> São inscriptos como socios benemeritos todos aquelles que por qualquer forma prestarem relevantes serviços á associação.

§ unico. N'esta qualidade podem ser inscriptos todos os individuos, embora não sejam naturaes nem residentes no concelho d'Ovar.

Art. 7.<sup>o</sup> Os socios benemeritos podem assistir e votar nas assembleias geraes e fazer parte da direcção quando sejam eleitos e queiram acceitar o cargo.

(Continúa).

## Litteratura

### A CARTA DA BARONEZA

#### I

—A senhora costuma recaber cartas? interrogou o barão de Brennes.

—Ultimamente recebo-as bastante a miudo, respondeu a criada de quarto, rapariga de rosto ladino e engraçado.

—Ah!... E quando foi que recebeu a ultima?... D'onde vinha?

—De Paris, ha dois ou tres dias.

—Bem. Era tudo o que eu queria saber... Ah!... não diga nada á senhora a este respeito.

O barão Alberto de Brennes, casado havia apenas um anno, adorava sua mulher—uma encantadora creança, formosa como uma miniatura de Grouzo, alegre e descuidosa, e que acceitara de bom grado aquelle casamento, por sympathisar com o barão. Este sabia, pois, que era amado por sua mulher, como elle proprio a amava. Era, porem, ciumento, horrivelmente ciumento, como Othello—pondo de parte a ferocidade.

Havia algum tempo que elle notava na baroneza uma preoccupação evidente que lhe era pouco habitual e que não assentava bem n'aquelle rosto gracioso, em que apenas deveriam manifestar-se a alegria e o riso da mocidade.

A's perguntas do marido, a joven respondera, parecendo he-

sitar e fazendo-se vermelho—que estava enganado, que realmente nada perturbava nem o seu espirito nem o seu coração, e apresentara tão natural e carinhosamente a fronte aos labios do sr. de Brennes, que este não insistira.

Mas, ao passar, por acaso, pelo gabinete de sua mulher, um gracioso aposento forrado de côr de rosa, vira, em desordem, sobre uma pequena meza, a elegante escrevaninha que em tempos lhe offerecera. No chão estavam espalhados mil bocadinhos de papel azulado, com certeza alguma carta rasgada, que elle tentara reconstruir, tão meudamente havia sido tinteiro ainda estava molhada.

E momentos antes, quando chamara o José, o seu creado particular, tinham-lhe respondido «que acabava de sahir levando uma carta da sr.<sup>a</sup> baroneza, que, em seguida, sahira tambem.»

A sr.<sup>a</sup> de Brennes já não tinha paes, e não tinha amigas com quem pudesse macer correspondencia. No entanto, escrevia, de isto sem dizer nada a seu marido...

A quem escrevia ella?

O sr. de Brennes, pela primeira vez desde que casara, começou a duvidar de sua esposa...

E eis a razão porque elle interrogara a creada de quarto da baroneza.

II

O guarda portão acabava de dizer ao sr. de Brennes que o carteiro trouxera n'aquelle instante uma carta «para a sr.<sup>a</sup> baroneza».

—Deixe ver, disse o barão.

O exame da missiva nada lhe revelou de particular.

A direcção estava escripta em caracteres firmes, embora um pouco delgados, n'um sobrescripto de papel inglez, em cifra, como toda a gente usa hoje. O carimbo do correio indicava: Paris—rua do Templo.

—Entregue-a immediatamente á creada de quarto da senhora disse o barão, que se dirigiu logo para a escada principal, ao passo que o guarda-portão subia pela escada de serviço.

Dez minutos depois o sr. de Brennes fazia se annunciar a sua mulher e notava, ao entrar no gabinete em que sua mulher o recebia, que ella parecia perturbada... commovida.

Depois de trocarem algumas palavras banaes, o barão disse-lhe á queima-roupa.

—Não lhe entregaram uma carta... ha pouco?

—Uma carta?

—Sim... O carteiro trouxe uma carta que lhe era dirigida...

—Ah! sim... é da minha costureira...

E a joven voltou a cabeça para occultar a sua perturbação, fingindo comparar o bordado em que estava trabalhando com o desenho que lhe servia de modelo.

—Ah! proseguiu o Barão. Parecia-me que a sua costureira morava na Avenida da Opera... A carta tinha o carimbo da rua do Templo. Veja.

—E' possível, disse a joven cada vez mais perturbada. Notou isso?... Provavelmente foi...

—Talvez eu me enganasse. Veja o sobrescripto.

—Não sei já o que fiz d'essa carta...

—Mas se agora mesmo lh'a entregaram!...

Oral! Tinha tão pouca importancia... Foi uma capa que eu mandei arranjar...

Senhora! interrompeu o barão, levantando-se de repente, e carregando o sobr'olho; senhora, basta de mentiras!... Dê-me essa carta!

Ouvindo esta apostrophe brutal, joven estremeceu violentamente, e, erguendo para o marido os olhos rasos de lagrimas, perguntou:

Mas o que tem?... O que suppõe?...

Eu não supponho... senão o que estou vendo. Mostre-me essa carta que acabam de entregar-lhe e cuja proveniencia não me explica satisfactoriamente.

A baroneza levantara-se e, aproximando-se de seu marido disselhe brandamente:

—Vejo com profunda magua, meu amigo, que desconfia d'alguma cousa desagradavel; mas juro-lhe que a carta que tanto o preoccupa nada contem que possa justificar as suas suspeitas, suspeitas que me offenderiam se n'ellas não visse a prova do amor que tem por mim...

—Ainda uma vez, senhora, dê-me essa carta!

—E, no entanto, se eu não quizesse? proseguiu a joven, cuja voz meiga e carinhosa, se tornara grave e tremula, accusando um intimo sentimento de revolta.

—Se não qui...zes...se? articulou pausadamente o barão, fitando sua esposa; se não quizesse, disse? Eu saberia obrigala-a! E, immediatamente, quero essa carta, entendeu? E ordeno-lhe que m'a entregue!

—Assim, proseguiu a baroneza apóz um curto silencio durante o qual se conservou com os olhos baixos, assim, o senhor exige?...

—Exijo talvez, senhora, a prova da minha...

Com um gesto rapido, a baroneza deteve-o, poisando-lhe uma das mãos sobre os labios, ao passo que com a outra lhe entregava o papel que elle reclamava.

—Aqui tem, disse ella, trahindo na voz uma profunda commoção, não diga mais nada antes de ter lido, lembre-se que ordeno.

E, soluçando, com a cabeça entre as mãos, deixou-se cahir sobre um divan.

II

O sr. Brennes estava todo entregue á leitura da carta.

Mas, logo ás primeiras linhas fez-se de subito muito vermelho, revelando no rosto uma profunda confusão, e, voltando apressadamente a pagina, foi ver de quem era a assignatura.

Soltou então uma exclamação de doloroso espanto.

A carta era de uma rapariga que, dois ou tres annos antes, elle seduzira e em seguida abandonara com um filho, fructo dos seus amores, no momento em que ia casar: a desgraçada escrevia á baroneza agradecendo-lhe a sua solicitude a proposito de um emprego que lhe obtivera, e principalmente os soccorros que, com toda a regularidade, lhe enviava mensalmente—conhecendo a fun-

do a sua dolorosa historia—e graças aos quaes devia o ter seu filho entregue aos cuidados de uma boa ama.

O sr. de Brennes soltou das mãos a carta e cahiu aos pés de sua mulher, com as lagrimas nos olhos, beijando-lhe as mãos e pedindo-lhe perdão.

A joven baroneza fel-o levantar e, sorrindo-lhe por entre as lagrimas, disse-lhe simplesmente:

—Bem vê que esses senhores da Conferencia não previram tudo quando responderam affirmativamente a esta delicada pergunta:

«O marido pôde velar-se da sua auctoridade marital para abrir as cartas de sua mulher?»

O sr. de Brennes apertou ao peito a esposa... e não respondeu.

Affonso Boubert.

NOTICIAS DO PORTO

Porto, 16 de Dezembro

E' este um momento em que a patria mais que nunca, se contorce e debate; taes são os factos que tendem a fazel-a submergir e perecer. A revisão das pautas que o governo, decretou, se nomeasse uma commissão afim de as rever e alterar, vem vibrar um agudo golpe, nas industrias nacionaes. E quando as artes almejavam um futuro aureolado e prospero, quando os sacrificios de tantos annos envoltos n'uma constante lucha pelo trabalho nacional, principiavam de sorrir-se e a ser coroados de bom exito, intenta o governo alterar e rever as pautas, fazendo prostrar, no ainda ha pouco, conhecido estado de decadencia a protecção ao trabalho, nacional, isto é as classes operarias, e com ellas a agricultura.

Não é n'este modesto logar, que compete, discutir-se tal assumpto, tal é a sua importancia, como elevado o seu interesse. N'outro logar, porém, o faremos, dentro em breve.

—Ahi váe pois esse punhado de noticias, que podemos colher durante a semana. Apraz-nos, no entanto, dar o logar de honra, na nossa carta, á brilhante

Soirée — Devido á amabilidade d'um convite que nos dirigiu o nosso presadissimo amigo sr. Arthur José d'Oliveira, assistimos no ultimo domingo, a uma «soirée», verificada na sociedade Alexandre Herculano, e que succedeu a uma festa realisada n'aquella aggremação afim de commemorar o 8.º anniversario da fundação da bibliotheca, n'aquella sympathica casa de recreio.

A «soirée», correu animadissima, vendo-se no vasto salão, as mais gradas familias do Porto.

Visitamos o edificio e suas dependencias, captivando-nos sobremaneira, a boa ordem e acceio da sociedade, a qual podemos affirmar ser uma das principaes no genero, das que existem no Porto.

O edificio da sociedade, ortentava interiormente uma primorosa decoração, destacando-se nas paredes escudos artisticamente dispostos com os nomes dos nossos mais eminentes homens de letras, como Camões, Castilho, Julio Diniz, Herculano, etc. A'quelle nosso presado amigo, que tão elevadas provas de estima nos reve-

lou, reintegramos o nosso mais sincero e inolvidavel agradecimento pelo convite que nos fez.

Comicio — Foi importantissimo o comicio verificado na ultima segunda-feira, no theatro Principe Real, e que tinha em vista representar ao governo, afim de não ferir as industrias, com a revisão das pautas.

As principaes fabricas e officinas do Porto, concluíram o seu trabalho ao meio dia, para os seus operarios assistirem á importante reunião. Calcula-se em dez mil o numero de operarios de ambos os sexes, que encheram por completo o theatro.

Accordou-se em dirigir ao chefe do estaão uma representação, baseada no proposito, de proteger a industria nacional.

—Reuniu hoje no edificio da Bolsa, a assembleia geral do Banco Commercio e Industria.

Representação — A Liga das Artes Graphicas, enviou uma mensagem aos snrs. presidente e vereadores da camara, pedindo sejam admittidos dois operarios graphicos, na officina que fornecer os impressos municipaes.

—O conselho regional das associações reúne amanhã, no edificio do governo civil.

O agio — As libras subiram a 15230 reis cada uma.

Febre — Estão atacados em muitas freguezias proximas, grande quantidade de cabeças de gado. Teem-se tomado varias providencias.

Convite — Acabamos de receber um da sociedade de amadores Antonio Pedro, para o bazar-sarau que se realisa no proximo domingo, em beneficio do seu cofre. Agradecemos.

Premios — A junta de parochia da freguezia de Ramalde, distribue no proximo domingo, os premios aos alumnos, de maior applicação, que compõem as suas escolas parochias. Os premios constam de medalhas offerecidas, pelo sr. Moreira Pinto. Foram dirigidos convites a diversas corporações e auctoridades.

Fallaremos da festa.

—Na proxima carta serei mais desenvolvido e extenso, e então até lá.

J. J. Oliveira

Carta de Lisboa

Caros leitores.

Principio por pedirvos desculpa de não enviar carta na semana passada. Não julgueis que foi desleixo da minha parte ou algum susto que me fizesse apañhar o sr. E'fe. Creio que não sereis tão exigentes a ponto de eu ter de vos diser a causa do meu silencio. Posto isto dou principio á carta.

Como deveis saber, aparece na «Folha d'Ovar» um E'fe barafustando tanto quanto o permitem forças humanas, agredindo em estylo muito baixo meio mundo emfim um verdadeiro Ferrabras. Pormitti, pois caros leitores, que eu cavaqueie um bocadinho com o tal Senhor.

Tenho a diser ao sr. E'fe que emquanto a baba peçonhenta o publico que lê as nossas cartinhas, não terá de matutar muito para ver onde ella na realidade existe.

Ao sr. vê-se mesmo que lhe ficava melhor uma enxada nas

unhas. Garante-lhe que d'esta forma prestaria melhores serviços á sociedade. Quem sabe? Eu é que não estou para o atuar, e se não abrandarem um pouco as suas iras quer-me parecer que não lhe tornaria a ligar importancia de lhe responder.

Olhe lá, amigo, tem ao menos exame de instrucção primaria? Pois n'esse caso metta-se a escrevente de cartorio ou caixeiro de mercearia e verá que tira melhores resultados.

Alem d'isso a Folha d'Ovar —tem o Catramillo, que não obstante a desgraça que o feriu não deixará de empunhar a penna, e parece-me que a «Folha d'Ovar» —com este talentoso escriptor e outros que taes, poderá passar sem o auxilio da sua brilhante penna. Trate d'outro officio, e até mais ver.

—Bem faz João Sincero, que parece estar dispôsto a lançar á margem taes adversarios.

Não andaria mal se antes d'isso os aconselhasse a que fossem para a escola.

—Vi n'uma correspondencia de João Sincero no ultimo numero do «Povo d'Ovar» — que os meninos da casa chinesa estão feitos tambem uns politicões, Não deixa de ser engraçado. O que não lembra a rapazes, nem ao diabo lembra. O papá não terá por lá qualquer coisa em que os meninos se entretendam?

Porque realmente a ociosidade é mãe dos vicios, o os meninos á boa vida perdem-se. Naturalmente temos qualquer dia em Ovar o partido dos rapaxinhos caminhando em massa para a urna e vereis então, caros leitores, eleito deputado o tal Catramillo.

—João Sincero é completamente estranho a estas cartas, e mesmo devem comprehender que elle lh'es não liga importancia. O sr. E'fe deve ser mais decente e mais leal nos seus ataques áquelle senhor.

Vejo que têm muito interesse em conhecer este seu criado. Far-lh'es-hia a vontade se lidasse com pessoas sérias, com adversarios leaes.

Por hoje nada mais. Até á semana!

.Y....

ANNUNCIOS JUDICIAES

PUBLICAÇÃO

(1.ª publicação)

Por sentença proferida no dia 25 do findo mez de Novembro, foi decretada a separação perpetua de pessoa e bens, na respectiva proposta por Joanna de Almeida contra seu marido Salvador Rodrigues Aleixo, ambos do logar d'Assoes d'esta freguezia e comarca, cuja publicação se faz nos termos dos artigos 468 e 448 do codigo do Processo Civil.

Ovar, 5 de Dezembro de 1892.

Verifiquei Salgado e Carneiro

O escrivão

Antonio dos Santos Sobreira (163)

## BOM NEGOCIO

Trespasa-se o Hotel do Furadouro ou vende-se todos os moveis pertencentes, por seu dono não o poder administrar.

Tambem vende um *bilhar*, de nogueira e pao setim em bom uso.

O proprietario  
*Silva Cerveira.*

OVAR

## ARMAÇÃO

Vende-se uma, toda envidraçada e quazi nova, com um bom balcão, de loja de fazendas.

Pode, quem quizer, dirigir-se á redacção d'este jornal que aqui se diz.

## A AVÓ

POR

## ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição, correcta e augmentada pelo auctor.

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.<sup>a</sup>

## GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

## Companheiros do punhal

POR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação  
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Publicada a 1.<sup>a</sup> caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

## UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se hão—*O Castello da Rainha* de L. Stapleau—*Um drama de revolução* de Ernesto Daudet *Mont Oriot*, de Guy de Maupassant.—*O grande industrial* e *Sergio Panine* de George Ohnet.—*Clotilde* de Alphonse Karr.—*Sapho* de A. Daudet.

## CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 réis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empreza da BIBLIOTECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

## LAURA ALMEIDA

Ateliers de vestidos e chapéus

19, Calçada Nova de Sant'Anna, 19  
LISBOA

Esta casa acaba de contractar novas modistas de vestidos e chapéus, cujo o bom gosto e elegancia são sobejamente conhecidos.

Toma conta d'encomendas para a provincia, encarega-se d'envoas de noiva e de baptisado, envia—franco de porte—AMOSTRAS E FIGURINOS a quem os pedir e pelas condições em que está montada, ninguem pode competir.

PREÇOS DE COMBATE. VESTIDOS feitos a 6:000, 7:000, 8:000, 9:000, 10:000, 11:000, 12:000 e mais preços.

CHAPEUS a 1:500, 2:000, 3:000 e 4:000 reis, Capas, casacos, etc.

Feitio de vestido..... 2:500

Feitio de vestido de seda..... 3:500 ou 4:000

Feitio de chapéu..... 500

N. B. Os vestidos de luto, fazem-se em 24 horas.

Pagamento adiantado. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LAURA ALMEIDA

19, Calçada Nova de Sant'Anna, 19—LISBOA.

## BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 450 PAGINAS

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 réis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Rister Senior

POR

ALFONSE DAUDET

## REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato grande, bom typo e bom papel 100 réis; pelo correio 105 réis. Requisições á Empreza Editora—LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries de seis fasciculos.—Beco da Amoreira, 9, 3.<sup>o</sup>

No prélo:—Diccionario de Jurisprudencia e Legislação Portugueza. Preço do fasciculo 100 réis; pelo correio 105 réis, pedidos á empreza editora—LETRAS E LEIS.

## CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS  
E CRIANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmiento

E

Amelia de Moraes Sarmiento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde  
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO

## AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.<sup>a</sup>

26, Rua do Marechal Saldanha  
26—Lisboa.

## ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO  
Major de Infantaria  
e ex-professor do Lyceu Central do

Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Editores

LOEN TAXIL

## OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.<sup>o</sup> FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIRO

Com uma dedicatória  
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctoriseção do em.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve  
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,  
e abençoando-o, e que foi louvado  
pelos ex.<sup>mos</sup> e rev.<sup>mos</sup> srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Rennes, Bispo de Montpellier, Bispo de Coutances, Bispo de Seez, Arcebispo de Gran, Arcebispo de Turim, Bispo de Soissons, Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napoles, Bispo de Rodez, Bispo de Bayeux, Arcebispo de Chambery, Bispo de Bannes, Bispo de Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fasciculo 100 réis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes n'essa occasião o competente recibo. Concluida a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se-hão tres fasciculos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis.

Acceitam-se correspondentes nas terras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—Porto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

## OS BURROS

OU  
O REINADO DA SINECE

Poema heroica-comico, satyrico,  
em seis cantos, reproduzido  
in-extenso com todas as liber-  
dades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho  
—Editora. Rua dos Caldeireiros,  
18 e 20—Porto.

MAUCIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA  
ARTES E OFFICIOS

Variadas e curiosas receitas e processos de physica e chimica pratica sobre artes, Economia domestica, Photographia, etc.

## RECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentess sortes e experiencias, Cryptographia, methods para correspondencias secretas, 27 gravuras explicativas.

A' venda em todas as livrarias.

Preço..... 400 réis

« ..... 420 «

Deposito—Livraria Portugueza, Loyos, 56—Porto.

## A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS  
PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.<sup>o</sup>  
de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis  
4\$000—6 mezes 2\$100  
rs.—Numero av lso rs.  
200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros  
portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.